

**IZABEL SOFIA KUBIÇA**

**CORPO NA HISTÓRIA:**

**concepções e estigmas do corpo da década de 30**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Fornari Diez

**CURITIBA**

**2002**

*"A Universidade precisa se pintar de negro, de mulato, de trabalhador e de camponês. Se ela não o fizer, o povo vai derrubar suas portas e pintá-la das cores que quiser."*

*Che Guevara*

*Dedico este trabalho à minha mãe  
(in memoriam), concluindo um sonho que  
também era seu, e que de algum lugar  
estará vendo este ser realizado.*

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos que farei aqui, não se referem somente a este trabalho, mas a toda a jornada que percorri até aqui...

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que em sua infinita bondade e grandeza me deu forças para lutar em todos os momentos.

Agradeço meu pai, que além de seu amor e carinho indispensáveis, me deu incentivo e motivação a cada momento, prezando sempre a minha independência e responsabilidade.

Agradeço a meu irmão Davi por todos os momentos de alegria e divertimento.

Agradeço à minha madrinha, segunda mãe não somente na hora do batismo, e a Maristela, que sempre me deram apoio em tudo que precisei. Não somente nos fins de semana de descontração e alegria, mas também nos momentos não tão bons.

Agradeço aos meus avós, por sua serenidade e sabedoria em seus 74 e 68 anos de vida. E agradeço a cada dia, por ainda tê-los comigo.

Agradeço a Tia Ida por todo seu carinho, mesmo sabendo que às vezes pareço distante.

Agradeço a Tia Sônia e meu Padrinho que mesmo estando longe, moram no fundo do meu coração.

Agradeço a meus tios Andrey, Valdomiro, Luzia e Maria, pelos domingos inesquecíveis na casa do Dido.

Agradeço a todos os meus primos, de 1º, 2º e 3º graus, por que cada um, com seu jeito especial, me trouxe felicidade em algum momento.

Agradeço a meus amigos Ju, Mad, Aninha, Carol, Ri, Gui, Adri, Rafa, Mário, Marcelo, Eduardo, Marlos, Pedgo, Mica, Lau, Fê, Fabi, Bruno, Mel, Herrmann, Ari, Sérgio, Punk, Nico, Cassandra, Fran, e a todos que não citei, mas que além de amigos, acredito serem companheiros de ideais e de caminhada por toda a vida. E também Rê, Ivyh, Denise, Felipe, Rafael, Juliano, e a todos os amigos que estiveram junto até aqui.

Agradeço a Prof. Carmen por toda a sua dedicação e paciência comigo neste trabalho.

Agradeço aos professores, em especial Alex, Humberto, Astrid, e Letícia, por todas as contribuições não somente para a minha formação, mas também para a minha vida.

## **RESUMO**

O trabalho resgata as concepções de corpo que consolidaram a Educação Física no Brasil, a partir da década de 30. Modelo de corpo esse que exercitado, treinado, inspecionado e socialmente construído, atenderá aos interesses e valores da ideologia dominante, constituindo assim fator importante para a análise e compreensão dos estereótipos e das concepções de corpo vigentes neste modelo de sociedade.

## **1.0 INTRODUÇÃO**

Estudar e pesquisar a História, é ao mesmo tempo, fascinante e intrigante, principalmente quando se pesquisa em fontes primárias, como jornais, revistas e periódicos da época a ser pesquisada. A pesquisa pode tomar rumos completamente diferentes dos antes imaginados pelo pesquisador, pois quando se vai a fonte, não se sabe o que irá encontrar.

### **1.1 PROBLEMATIZAÇÃO**

A Educação Física, enquanto prática profissional e área do saber, atua segundo critérios científicos, ou seja, busca pautar suas ações em teorias consideradas verdadeiras. Diante desta afirmação, emergem os seguintes questionamentos:

Uma vez que os saberes se vinculam às condições de possibilidade de sua elaboração, mesmo em relação à ciência, as verdades não seriam transitórias?

Como identificar a relevância dos saberes que respaldaram e respaldam a Educação Física, no decorrer de cada época ?

Como as concepções de corpo tidas na época em questão influenciavam as verdades científicas colocadas, e de que forma?

Considerando que a Educação Física se consolidou no Brasil a partir da Era Vargas, sob os fundamentos da medicina higienista, o que a História poderia mostrar sobre os saberes dessa ciência na época?

### **1.2 JUSTIFICATIVA**

Tentar encontrar no presente, justificativas para os acontecimentos do passado, é muito complicado. Dizer que as coisas são hoje como são, porque foram no passado, como foram, também é uma tarefa difícil para o pesquisador, porque se

têm que levar em conta muitos outros fatores que influenciam, e mudam os rumos da História. Mas, pensar no passado, como uma das justificativas e motivos para o mundo de hoje, é pertinente. Entender as relações e as concepções de corpo, colocadas hoje na sociedade, passa por um momento de reflexão e volta no tempo, já que as concepções tidas no passado, influenciaram o “modelo” de corpo que é visado hoje. Modelo de corpo que exercitado, treinado e inspecionado, atenderá aos interesses e valores da ideologia dominante, o capitalismo. Sendo assim, constitui-se um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que se busca construir corpos robustos e fortes para um melhor aproveitamento de seu tempo e força de trabalho, são submissos e oprimidos por esse sistema, através de métodos e técnicas corporais, que permitem o controle minucioso das operações do corpo, impondo-lhes corpos obedientes, dóceis, domesticados, que podem ser submetidos e transformados segundo seus interesses.

## 2.0 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Ciência e Verdade

Historicamente, a Ciência sempre foi sinônimo de verdade. Até que se prove o contrário. Sempre se buscou na Ciência a comprovação para os fatos que se tinham como verdadeiros.

O conhecimento científico se baseia na procura constante do real, buscando estabelecer e compreender as relações entre causas absolutas e a natureza das coisas, buscando ainda explicar os acontecimentos através da observação científica aliada ao raciocínio. "... Uma das coisas que diferencia o conhecimento científico de outras formas de discurso (mítica, religiosa e poética) é o fato que suas afirmações podem ser verificadas, podem ser testadas. Este é, aliás, o critério de demarcação entre Ciência e não-ciência." (CARVALHO, 1988, p. 36)

Emana a característica de apresentar-se a Ciência como um pensamento racional, objetivo, lógico e confiável, ter como particularidade o ser sistemático exato e falível, ou seja, não final e definitivo, pois deve ser verificável, isto é, submetido à experimentação para a comprovação de seus enunciados e hipóteses procurando-se nas relações causais; destaca-se também, a importância da metodologia que em última análise, determinará a própria possibilidade da experimentação. (LAKATOS E MARKONI, 1991)

Tenta-se passar, através da Ciência, uma imagem de infalibilidade, de uma certeza cega e absoluta nos seus resultados. Esta "verdade", em alguns casos, precisa ser desmistificada, pois "A verdade é deste mundo, ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua '*política geral*' de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela colhe e faz funcionar como verdadeiro." (FOUCAULT, 1985 p. 12)

Na disputa cotidiana pela verdade, o alvo preferencial é o das regras que credenciam as verdades, relegando o conteúdo em si e que se reporta ao que deve ser aceito como correto. O combate transforma a questão ética em secundária, para optar pelos efeitos econômicos e de poder que a verdade pode gerar.



É sob o enfoque do poder, como correlação de forças, que se centrará a análise da questão Educação Física e Ciência, através dos dados que permitam identificar os 'regimes de verdades' que se organizaram em torno da questão. É aí que está o discurso cujos enunciados se identificam nas relações com outros enunciados, nas disposições do saber de cada época.

O discurso não é um dizer subjetivo, ou restrito à expressão do que é verbalizado, mas uma objetividade do 'dito' e do 'não dito', cuja análise pode mostrar como emergiram certos objetos num determinado momento e espaço, independente da existência de um sujeito.

A ciência, ou as instâncias que a produzem e credenciam, instituem patamares ou limiares para homologar conhecimentos como científicos. Aí muitos saberes, mesmo como componente essencial de uma ciência já reconhecida, não são aprovados, "Em suma, uma ciência localiza-se num domínio de saber que não absorve, numa formação que é por si mesma, objeto de saber e não de ciência." (DELEUZE, op. cit., p. 40-41.) O saber não é ciência, mas esta foi construída por um saber, que buscou como alvo a epistemologia e se propôs a ultrapassar os patamares instituídos que credenciam as ciências. Existem saberes para os quais a autenticação científica não se configura como preocupação, e buscam direcionar-se a outros limiares como éticos, estéticos e políticos, elucidadores de aspectos essenciais da sociedade, sem a postura empertigada da ciência: conteúdos mais importantes, apesar do clichê de 'saberes desqualificados'.

A ciência não existe de forma infalível ou neutra, tal como é veiculada pelos cientistas mais iludidos ou cínicos com a notabilidade. Ela é composta por práticas discursivas elementares e repetitivas. No entanto, estes discursos são codificados e as práticas normatizadas para uma ostentação pela forma, ostentação que permite a autenticação da ciência.

## **2.2 – O Corpo e a História:**

Assim como a Arte, a gravura, a pintura, a escultura, a arquitetura, etc., produzem suas marcas ao longo da história, os corpos também se modificam e se

moldam de acordo com o seu tempo, sendo percebidos assim, através das imagens e concepções de corpo produzidas ao longo da história.

Cada tempo, cada época, deixa suas marcas nos corpos, assim como estes também são responsáveis pelas mudanças e rumos que o processo histórico toma.

A constante “educação do corpo” já é percebida desde o século XIX, onde a Ginástica começa a se afirmar neste cenário, e os corpos apresentam características de ordem e disciplina, necessárias para a afirmação do modelo econômico que figura na época, o capitalismo. Corpos dóceis, apumados, retos, disciplinados, e adestrados, que fora de um padrão de normalidade não interessam a este sistema (SOARES, 1998).

Pode-se perguntar o porquê desses corpos desalinhados, e frágeis, serem “descartados” e não interessarem a este sistema. Fica claro que estes corpos frágeis e fora do padrão de normalidade, não servem para este sistema, pois, não sendo parte da camada privilegiada da sociedade, ou seja, não sendo os donos dos meios de produção, precisam vender a sua força de trabalho para sobreviver. E cada vez mais precisa-se de corpos robustos e fortes, para o trabalho cada vez mais pesado e desumano, com jornadas de trabalho cada vez maiores. Pois “...Só o corpo convenientemente educado favorece o desenvolvimento do espírito, atua também como ‘um instrumento dócil e perfeito’, mesmo porque ‘um corpo forte obedece, enquanto um corpo fraco comanda’ (LENHARO, 1986)”. E fica evidente a exploração de sua força de trabalho, à medida que esta exploração é incondicional, através do acúmulo de capital por parte de seus “patrões”. Ou seja, se o trabalhador recebe um salário no valor de 100, ele vale para a fábrica, no mínimo 200, ou seja, ele estará sendo explorado, pois deveria receber 200, e esta diferença, o lucro, só resta senão, a engordar os bolsos dos donos dos meios de produção.

Antes de analisarmos as concepções de corpo que permeiam a década de 30, faz-se necessária uma breve contextualização histórica deste período.

### 2.3 – Brasil, década de 30:

A chamada Era Vargas foi o período iniciado em 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o poder através de um movimento popular e militar (A Revolução de 1930 – que derrubou o poder constitucional existente) e trouxe influências ainda hoje percebidas na sociedade brasileira. Este conjunto de políticas econômicas e sociais introduzidas no país produziu transformações indiscutíveis como a ênfase ao nacionalismo, a centralização administrativa, a industrialização, a urbanização, a organização da sociedade entre outros.

Getúlio Vargas foi um dos maiores *estadistas* que se têm notícia, pois acreditava que o governo teria que centralizar o maior número de atividades possível, e também “teria o papel de mostrar o caminho para os homens, de apontar soluções e até mesmo, implementá-las se julgasse conveniente.” (D’ARAÚJO, 1997)

A esta política convencionou-se chamar de *Estado Intervencionista*, onde o Estado não atenderia aos desejos do povo, mas sim seria o senhor deste povo. Muito diferente da política do *Estado Mínimo*, pregado pela teoria liberal, que consiste em minimizar ao máximo as atividades do governo (pois de acordo com esta vertente, o melhor estado é o que menos governa), deslocando-as sempre que possível para a sociedade ou para o “Terceiro Setor” que consiste na sociedade civil organizada através das ONG’s, etc.

O Governo de Getúlio Vargas, procurou então uma opção que minimizasse os conflitos entre trabalhadores e operários, pois havia uma clara intenção em esvaziar o movimento operário que tinha influências anarquistas e socialistas. Ele criou também a Justiça do Trabalho, que buscava sempre uma opção conciliatória entre trabalhadores e empresários, de modo que barrasse o caminho as greves e dos movimentos operários.

Outro ponto importante nesta época é o envolvimento militar. Neste período, só existiam a Marinha (tradicionalmente uma força militar de elite, onde serviam rapazes nobres e de classe alta) e o Exército (formado pelos setores mais pobres da população), pois a Aeronáutica só foi criada em 1941, com a Segunda Guerra Mundial. O intrigante nesta questão é que os mesmos militares que sustentaram Getúlio no poder, mais tarde o depuseram por duas vezes.

Outra particularidade desta época foi a popularidade de Getúlio Vargas (que até hoje é percebida), sendo de certo modo imposta, pois havia um enorme esforço através de propagandas políticas, festas cívicas, etc. que engrandeciam e fortaleciam o espírito de nacionalidade, além de divulgar a imagem popular e mística de Getúlio, (esta divulgação ficava a cargo do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda criada por ele), que por muitas vezes foi chamado de pai dos pobres, chefe trabalhista, etc. Além disso, centenas de obras apologéticas sobre Vargas eram distribuídas nas escolas para tornar ainda maior a sua popularidade e de certa forma “doutrinar” os jovens e as crianças. Também em seu governo foi criada a *Voz do Brasil*, onde através do rádio, Getúlio se comunicava com as massas e saudava os trabalhadores de todo o Brasil.

Um ponto muito particular desta época, é o nacionalismo que Vargas imprimia à sua gestão econômica, promovendo assim um desenvolvimento autônomo alavancado pelo Estado, preservando as riquezas nacionais. Este modelo nacionalista era muito apreciado pelos militares, devido a uma ideologia de segurança nacional, que certamente influenciava na concepção de corpo tida naquela época, pois entende-se que o que se visava era a formação de corpos preparados para o Exército, para assim defender a Nação.

#### **2.4 – O Corpo na Era Vargas:**

A partir da década de 30, alguns pontos podem ser levados em conta, no que tange às concepções de corpo e Educação Física: primeiramente, a moralização do corpo pelo exercício físico, isso exprime-se através do aprimoramento físico e de uma consciência de higienização do corpo, desenvolvendo assim, uma consciência de bem-estar coletivo, objetivando a formação de homens equilibrados e auto-suficientes. O segundo ponto é o aprimoramento eugênico incorporado à raça, uma vez que, não há o estereótipo definido de “homem brasileiro”, não há uma coesão étnica, nem uniformidade no perfil do nosso povo. E começa a figurar o desejo de aperfeiçoamento racial: “A nova Educação Física deverá formar um homem típico que tenha as seguintes características: de talhe mais delgado que cheio, gracioso de musculatura, flexível, de olhos claros, pele sã, ágil, desperto, erecto, dócil,

entusiasta, alegre, viril, imaginoso, senhor de si mesmo, sincero, honesto, puro de atos e pensamentos...” (Fischer apud LENHARO, 1986)

Além de se perseguir um tipo físico único, para o corpo do brasileiro, ambicionava-se também a formação de um único perfil racial, buscando assim, um projeto de “higiene da raça”, onde se objetivava a produção de corpos ao mesmo tempo fortes e dóceis, e para isto, eram implementadas políticas eugênicas de “normalização da raça” como a regulamentação dos casamentos (não se permitindo assim a união de indivíduos eugenicamente nocivos à sociedade nem casamentos consangüíneos), segregação e esterilização, em alguns casos, para que estes indivíduos fossem impedidos de procriar, “e assim propagar o mal a seus descendentes.” (LENHARO, 1986).

Fernando de Azevedo, autor de vários livros e publicações na área da Educação Física, já abordava o tema da eugenia.

Sua atenção a essa questão, pode ser aferida pelo volume de matérias por ele produzidas, abordando o assunto. Definia *Eugenia* como sendo “...a ciência ou disciplina que tem por objetivo o estudo das medidas sociais-econômicas, sanitárias e educacionais que influenciariam, física e mentalmente, o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações...” Dizia ser a Eugenia “...não só a intervenção da profilaxia contra o meio biológico representado pela matéria viva, patogênica, na luta constante contra as moléstias (...) nem somente a engenharia sanitária, melhorando o meio físico, dessecando o solo paludoso, onde incubam os miasmas, que infeccionam os povos, impedindo a fixação e o aperfeiçoamento do tipo ético pela ação higiênica, educativa e social> nem apenas a defesa contra a perpetuação tenebrosa de proteger a procriação contra a degenerescência e pela privação, aos reprodutores doentes, dos meios de serem prejudiciais à raça: A Eugenia – dizia ele – com ser tudo isto, é também a aplicação de uma educação enérgica para a conquista da plenitude das forças físicas e morais, tirando-nos deste plano inclinado de depauperamento e decadência, onde, pouco a pouco, escorregamos para as deformações e toda espécie de doenças...”/E concluía seu pensamento, poeticamente: “...é o revigoramento do povo, por uma sábia política de educação, de defesa sanitária e de cultura atlética, que o impulsiona, a todo o pano, dos lagos mortos onde jaz estacionário, para o esplêndido tumultuar da vida intensamente vivida em pleno ar, acrisolada no ouro do sol...” (CASTELLANI FILHO, 1994, p. 55)

Se o incentivo a estas práticas eugênicas e sua possível absorção pelo Estado, já tinham se tornado realidade, a prática da Educação Física estendida a população e incentivada através de leis e incentivos do governo, começa cada vez mais a figurar neste cenário, surgindo preliminarmente, nos moldes do Exército, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

A Educação Física, neste período, foi um importante elemento formador de um corpo forte e saudável, que contribuiu de maneira fundamental para o processo de desenvolvimento do país, que atravessava um período de transição de colônia a um país independente.

O grande envolvimento da Educação Física com as questões de saúde do corpo, com a formação de um corpo sadio, teve como principal origem as instituições militares, que foram fortemente influenciadas pela filosofia positivista vinda da Europa. Segundo GRANDO (2001), o positivismo ganhou destaque no Brasil porque veio de encontro às necessidades de um país jovem e com grandes expectativas de crescimento, e que sentia falta de um referencial teórico que atendesse sua vontade de progresso.

Assim sendo, as instituições militares chamaram para si a responsabilidade de criar e manter a ordem social, para que o progresso almejado fosse obtido.

Dentro deste contexto histórico, a Educação Física foi percebida como uma prática associada à saúde corporal, e que não deveria ser de exclusividade dos militares. Os médicos, então uniram-se aos militares, para que juntos conseguissem a reorganização da sociedade, valendo-se da instituição familiar.

A classe médica apresenta a Educação Física como instrumento para a formação de um corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente, tendo em vista a eugenia do povo brasileiro. A Educação Física foi incluída nas escolas com caráter exclusivamente médico, para que através dela fossem transmitidos valores higiênicos da classe dominante, principalmente às crianças, para que assim fossem eliminados os hábitos higiênicos do Brasil Colônia.

*Cabe aqui ressaltarmos o fato de que o esforço de se lançar mão da Educação Física como elemento educacional – ainda que de conformidade de uma visão de saúde corporal, saúde física, eugênica – enfrentava barreiras arraigadas nos valores dominantes do período colonial, sustentáculos do ordenamento social escravocrata, que estigmatizaram a Educação Física por vinculá-la ao trabalho manual, físico, desprestigiadíssimo, em relação ao trabalho intelectual, este sim, afecto à classe dominante, enquanto o outro fazia pertinente única e tão somente aos escravos. (CASTELLANI FILHO, 1994, P. 44)*

Juntamente com esta prática higienista, foi elaborada pelo Estado uma política que vinha no sentido de “tentar criar uma população racial e socialmente

identificada com a classe dominante” Jurandir Freire COSTA, apud GRANDO (2001).

Buscava-se através deste disciplinarização do físico, do intelecto e da moral, um crescimento ideológico nacionalista entre a população branca.

Esta clara influência médica, não só na Educação Física, mas em torno também de um novo perfil da população, observada no século XIX no Brasil, decorre da Europa do século XVIII, onde o corpo com sua função higienista, definida pela medicina, contribuiu para a organização familiar.

A medicina exerceu poder bastante forte sobre a maneira de viver, e a relação do indivíduo com seu próprio corpo. Assim, o médico torna-se a figura principal na função de corrigir, melhorar e manter o corpo em estado permanente de saúde. Nesta direção, a ginástica, as atividades físicas, o destaque estético ao corpo, surgem para atender não a um tipo de corpo específico mas à uma forma de poder sobre ele exercida. Dentro desta perspectiva, GRANDO lembra FOUCAULT quanto este cita uma descoberta, na Idade Clássica, do corpo como objeto do poder, o corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde se torna hábil.

A construção do corpo do trabalhador esta diretamente relacionada à indústria de produção, aos valores da sociedade capitalista.

“O capitalismo investe no corpo não apenas explorando sua força de trabalho no processo de produção, mas também criando para o corpo ‘necessidades’ – valores de uso – tornando-o cada vez mais submisso e menos corpo” (Apolônio do CARMO apud GRANDO, 2001)

A construção dos corpos, assim como seus valores e padrões estéticos, morais de saúde, vêm de maneira a atender a sociedade capitalista, que enxerga o corpo em sua beleza, mas um seu valor econômico. Através desta ênfase dada ao corpo, este acaba perdendo sua identidade, principalmente quando tratamos dos corpos dos trabalhadores, que acabam sendo objeto, e não sujeito do processo.

Nesta perspectiva, a Educação Física acaba por incentivar a construção de um corpo sadio, disciplinado e forte, a fim de que pudessem contribuir para a busca

do progresso, e da eugenia para que se atingisse o modelo e ideal desejado de homem brasileiro já citado anteriormente.

Este modelo de corpo almejado, decorre da classe, que exerce os poderes material e intelectual sobre os demais, a burguesia. Que cria um modo de ver e sentir o corpo e então o transfere à classe trabalhadora. O corpo então “criado” carrega consigo interesses e valores da classe dominante, e o trabalhador acaba por ver naquele corpo padrão, um modelo de saúde, beleza e liberdade, acreditando que ao alcançar aquele corpo padrão, estará liberto de seu corpo sofrido e oprimido.

A Educação Física teve portanto um papel importantíssimo na (des)construção de um corpo robusto, saudável, disciplinado, que servisse para o progresso da nação. Moldado de acordo com os interesses da burguesia, o corpo vinha a alimentar o sistema capitalista, que do trabalhador, necessita apenas de sua força de trabalho, ignorando seus interesses, valores, anseios, pensamentos, enfim, ignorando o ser humano.

“De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transformá-la passava necessariamente pelo trato do corpo como recurso de se alcançar toda a integridade do ser humano”. (LENHARO, 1986).

Além de todas estas características citadas e descritas acima como concepções de corpo da época, fica evidente a necessidade da análise documental de fatos que possam reafirmar esta pesquisa. Um jornal datado de 08 de setembro de 1924, assinado pelo Dr. Nicolau Ciancio (Jornal “A Gazeta do Povo”) retrata muito bem uma das concepções de corpo que era tida na época, principalmente no que tange às mulheres: o cabelo.

Segue o texto original:

#### *A MEDICINA E OS CABELLOS CURTOS*

*A medicina diz que é um mal. A moda das mulheres cortarem o cabelo é anti-hygienica...*

*Perdoem-nos o paradoxo. Mas se a “hygiene” significar aquele conjunto de preceitos que tem por fim conservar a saude, o cabelo curto, que é nos homens justamente uma cousa higienica, é anti-hygienica nas mulheres.*



*É que a Moda é uma senhora que tem corpo e não olhos.*

*Justamente o contrario é a Sciencia. Esta só tem olhos! Uma faz as cousas sem ver, outra só as vê...*

*Muito antes da moda do cabelo curto invadir o "seculo", como diria em linguagem ecclesiastica já essa moda existia nas ordens religiosas como se sabe, a mulher que se vota á castidade, no dia em que toma o véo, deve cortar o cabelo.*

*Sagazes e muito previdentes, os organizado7res das ordens monasticas para tirar o encanto das mulheres que se votaram a Deus, para matar nellas a beleza que pudesse provocar a tentação dos homens, cortaram-lhe o cabelo.*

*Mulher sem cabelo é um astro sem luz.*

*Ora, bastava só pensar um pouco neste facto para uma mulher de mediana intelligencia não cortar o cabelo, não se querer reduzir á condição de freira! Mas ha mais.*

*Nesses seculos em que a moda religiosa percebeu á profana, a medicina, verdadeiro Ministerio da Natureza, teve tempo de indagar se a pratica das mulheres cortaram o cabelo era ou não nociva á saude.*

*Pelos trabalhos de Armand Gauthier e dos outros, sabe-se que o sangue mensal das mulheres contem arsenico.*

*Segundo Gley (Traité de Physiologie" pag. 297), ele contém 20 miligrammas de arsenino por mil.*

*Sabe-se , tambem, por uma maravilhosa intuição que o povo teve desde a mais remota antiguidade e que a sciencia hj confirma, que esse sangue eliminados todos os mezes representa uma verdadeira limpeza do corpo.*

*E uma das provas disso é justamente o arsenico que só se encontra nessa qualidade de sangue, pois que não ha arsenico nem no sangue arterial nem no venoso.*

*Examinando-se o sangue mental das religiosas, isto é, das mulheres que cortaram o cabelo, verifica-se uma perturbação na eliminação do arsenico. Quer isso dizer que se dá no organismo das mulheres que usam o cabelo curto uma pequena intoxicação.*

*Essa intoxicação se traduz por aqueles pequeninas edemas faciaes que alteram os traços da graça feminina e dão ás mulheres aquela physionomia especial e uniforme que o povo chama "cara de irmã de caridade".*

*Essa cara todos podem ver, porque se vê mesmo nas irmãos que vão ao sol e ao livre e que se alimentam bem variadamente e para cuja dystrophia não se podem invocar a nemia do claustro e a falta de vitaminas.*

*Alem disso essa intoxicação deve concorrer para a alteração do character e deve acelerar a velhice. Lê-se na pagina 129 do excellent "Tratado de Ginecologia e Ostericia", mundialmente conhecida, e assignando pelas pennas de Cuzzo, Cuzzioni, Pertalozza e Manglagalli, que "nas vizinhaças da menopausa, a voz se altera, tornando-se mais grossa, o cabelo começa a cahir e a embranquecer, etc."*

*Por que? Porque, como o começo da involução dos órgãos próprios da mulher, começa também a perturbação da regra mensal. E como esta está em relação directa com a vida do cabelo, também o cabelo se perturba: cahe e embranquece.*

*Vimos ha pouco, que cortar o cabelo alterava as regras, vemos agora que a reciproca também é verdadeira, isto é, que a alteração das regras acarreta a queda do cabelo.*

*Se, sob o ponto de vista da saude, o cabelo cortado é para as mulheres um mal, sob o ponto de vista da esthetica, é um mal... ainda maior!*

*Vale a pena, a esse respeito, ceder por um instante a palavra a Montegazza:*

*“Uma mulher pode ser rica, joven e bella, diz o celebre higienista e estheta italiano, pode possuir as formas de venus e os thesouros de Cleopatra, dos dentes eburneos e o talento de Sapho e ter, ainda por cima, aquella inegalavel riqueza, que está acima de tudo e que se chama vinte annos, mas, não tendo cabelo, é a mais miseravel creatura do universo!*

*Com meio metro de cabelo na cabeça, seria Venus; sem isso é uma creatura que inspira compaixão; com o cabelo seria uma deusa, sem cabelo não chega a ser uma mulher! (Montegazza “Enciclopedia igienica” pagina 320)*

*A antiga Grecia, a fonte mais luminosa do culto ao Bello, imaginou os seus deuses com bellas cabelleiras: Jupiter, Apollo e Phebo tinham verdadeiras jubas leoninas!*

*E Venus... Ah! Venus, para resguardar os olhares indiscretos as partes mais reconditas de sua nudez fascinante, não tem outro manto senão o seu longo cabelo!*

*Ora, se entre as mulheres de hj, mesmo com o cabelo, as Venus são raras, sem cabelo... “As duas divindades humanas: a força do homem e a belleza da mulher (a lenda de Sansão não é de todo fantasia) foram personificadas no cabelo” (Montegazza).*

*Não sacole achilles a sua bela cabelleira no furor da batalha? E os guerreiros spartanos, prevendo que pudessem morrer em combate, não se penteavam antes da peleja para não se apresentares com o cabelo em desalinho no “Reino dos Mortos”?*

*Passando do mundo grego para o romano, não diminue o culto pelo cabelo que chegou a ser quasi divino.*

*O imperador trajano, que tinha uma basta cabelleira, passou á historia com o nome de “Crinitus”.*

*Se os gregos só cortavam o cabelo aos escravos, para os romanos, cortar o cabelo constituia a maior das offensas.*

*As mulheres romanas só cortaram o cabelo uma vez. E foi para salvar a Patria. Roma se achava sitiada pelos gaulezes. Era preciso augmentar o numero de machimas de guerra, as “catapultas”, que correspondiam aos canhões de hoje.*

*Faltavam, para isso, as cordas para movimental-as.*

*As romanas, patriotas como nunca se viu eguaes no mundo, apresentaram suas cabeças altivas á tezoura. E se sujeitavam voluntariamente ao sacrificio maximo, mais tarde santificado com a estatua de uma “Venus Calva”, única Venus sem cabelo. O cabelo patriota, transformado em cordas, accionou as machinas de guerra e salvou a Patria.*

*Mas os gaulezes pagaram caro o cabelo romano. Os romanos, que tinham repugnancia de cortar o cabelo até dos inimigos, pois que não costumavam cortá-lo aos povos vencidos, cortaram-no aos gaulezes.*

*A Gallia foi tonsurada!*

*Depois da Gallia só, mais duas vezes os romanos desceram a essa medida extrema, cortando o cabelo uma vez aos bretões e outra aos lígures.*

*E cremos que isso basta para mostrar o respeito que elles tinham pelo cabelo.*

*O maior martyrio para um romano era o ser careca. E Cesar muito fez para esconder sua calvice!*

*Vamos marchando com a civilização do oriente para o occidente.*

*Depois dos romanos, os germanos. Na antiga Allemanha cortar o cabelo era uma vergonha tão grande, que elles só o cortavam á mulher adúltera, para que todos a detestassem!*

*Na Bibilia tambem vemos o cabelo tão venerado como entre os gregos, romanos e germanos. Jehovah, para castigar o rei da Assyria, tira-lhe o cabelo; Esaú, como castigo do ceu, prediz a calvice aos mohabitas; Ezequiel, por maldição, invoca a careca para a cabeça dos syrios.*

*Das nações modernas que têm accentuado gosto pelo Bello, como a Italia, a França, a Hespanha, Portugal, a Allemanha, a Austria, etc., qual dellas não tem respeito pelo cabelo?*

*Maria Antonietta, a infeliz rainha de França, quando foi decapitada, não sentiu mais quando lhe cortaram o cabelo do que quando lhe cortaram a cabeça?*

*Os italianos não libertaram a Patria batendo-ss por uma Victoria de longos, cabelo?*

*Ové la vittoria?*

*Le porga la chioma (cabello comprido)*

*Cche schiava di roma*

*Iddio lá creó!"*

*(Do hymno de Mameli)*

*Como se vê, na poesia, na historia e na lenda o cabelo ocupou sempre um logar eminente.*

*De onde vem, pois nossos dias, essa moda anti-hygienica?*

*Essa moda contra o culto multi-millionario pelo cabelo, pela melhor e mais natural ornamentação humana?*

*Da America do Norte...*

*É moda americana!*

*É moda de artistas de "halls" de cantoras baratas e vem do paiz da "lei secca"...DR.*

*NICOLAU CIANCIO.*

Além deste documento encontrado na pesquisa realizada na microfilmagem, encontrei dois artigos publicados em periódicos anarquistas (A VIDA, 1914) que contrapõem os valores éticos e estéticos tidos na época (OBS.: transcrição fiel ao texto original):

**A VIDA, ano 1 nº 1, 1914:**

*“Todos sabemos que a mulher tem muito menos resistência física que o homem. Pois bem, na sociedade moderna a mulher esta sujeita aos menos trabalhos físicos, com o mesmo número de horas e menor salário que o homem. Quem percorre as lavouras pode ver o estado de depauperamento precoce das mulhreres do povo. Ele se alardeia, nos hospitais, em toda a sua hediondez. Pergunto agora, que filhos sairão desses organismos?”*

*O desperdício das energias físicas femininas estende-se nos seus estragos irreparáveis, às gerações futuras, porque a hereditariedade não perdoa. Um organismo descelulado produzirá outro organismo descelulado, mormente si as condições de vida do progenitor permanecerem inalteradas para o progênie.*

*Não é tudo. Acrescente-se ao excesso de trabalho a má alimentação conseqüente á insuficiência do salário.*

*Nos engenhos no Norte pága-se a um trabalhador do compo R\$000, 800rs, ou 600rs. Mesmo, a seco; a uma mulher 500rs. No Maximo, a uma criança meia pataca. Dez tostões por dia, a um homem que trabalha ao sol, no cabo da enxada, durante 12 horas; dez tostões para comer, vestir-se, criar os filhos. Qual póde ser a alimentação desses homens, dessas mulheres, dessas crianças? A que eles têm: pirão de farinha água e sal, bacalhau, ou quando muito um peixe escasso, pescado no rio com o gereré.*

*Nas fabricas as mulheres se acham expostas a toda a sorte de envenenamentos e, obrigadas a comprar gêneros baratos, de qualidade inferior, envenenam-se com os produtos falsificados que patrões e comerciantes, essa vergonha humana, nos fomecem para enriquecer depressa.*

*Doentes, sem dinheiro, recorrem ás mezinhas, aos curandeiros, ao espiritismo explorador, aos hospitais inficcionados, porque o médico é burguez e exige sempre o pgamento da consulta ou a compra do remédio na farmácia preferida*

*Emquanto a grande parte da energia feminina se desperdiça, desse modo, por excesso, outra parte se destroe por mau aproveitamento.*

*Refiro-me ás próprias burguezas que nada fazem, que vivem nos passeios, ou cuidam, por distração, de obras de caridade e de recepção.*

*Desse pálido escorço podemos tirar a primeira inferência: a sociedade moderna, basea-se no excesso de trabalho de uns, no trabalho impordutivo de outros e no não-trabalho de muitos, prejudica o desenvolvimento físico da maioria. Temos aí um dos modos de desperdício de energia humana e acentuadamente de energia feminina.*

**A VIDA, ano 1, nº 2:**

*“A mulher sobretudo se tem conservado numa ignorância sistemática. Só modernamente ela se vai revoltando contra a opressão do homem. Vede porem que tenaz resistência ela superta da parte dos graúdos. Ainda hoje é mal vista a moça que se atira aos estudos superiores.*

*Quer-se o cérebro feminino um craneo bem vazio de tudo o que não seja a frivolidade das cançonetas ou dos ensinamentos retrógrados de Sion.*

*A mulher é para a caza, dizem os burguezes, e para cuidar dos filhos. Mas o burguez que assim fala quer um guarda-livros hábil para o seu negocio e um veterinário experto para o seu cavalo. É bem de ver que o burguez nesse cazo, coloca o negocio e o cavalo acima do filho.*

*Basta considerar a educação do filho para medir o alcance da educação intelectual da mulher. Criar um filho, educar um filho, é um problema que exige uma instrução vasta e fariada. Toda mãe de família deveria ser uma pedagoga; mas a pedagogia se bazeia na psicologia e na fisiologia que supõe o preparo em ciências correlatas, digamos melhor em todas as ciências.*

*Ninguém deveria ser mais enciclopédico do que a mãe de família e portanto do que a mulher. Uma sociedade bem constituída seria aquela em que todas as mulheres podessem ser amplamente instruídas.*

*Portanto, segunda inferência: a sociedade atual baseada na jerarquia, isto é, na direção da grande maioria pela minoria exploradora exige a ignorância dela e impede o desenvolvimento da enerjia intelectual. A mulher mais que o homem está submetida a essa ignorância e, não estando por isso na altura de sua missão educadora, representa um desperdício colossal de enerjia em prejuizo das gerações futuras.*

### **3.0 METODOLOGIA**

A metodologia utilizada na pesquisa basicamente tem por escopo, a Revisão Bibliográfica e pesquisa documental, em fonte primária. A revisão de literatura se deu basicamente em cima de autores que escreveram sobre a História da Educação Física, de uma maneira geral, História do Brasil, onde se encontram lacunas para a pesquisa das concepções de corpo, artigos em revistas especializadas, e anais de encontros de diversas áreas.

No que tange à pesquisa documental, essa se deu através de visitas ao Setor de Microfilmagem, da Divisão de Documentação Paranaense, da Biblioteca Pública do Paraná, além de revistas e periódicos da época em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode compreender o processo histórico como sendo uma 'linha divisora de águas', onde cada tempo é recortado segundo um conjunto de acontecimentos que foram marcantes. O processo histórico precisa ser entendido com um todo. A partir daí se começam a perceber as influências que cada período exerce hoje em dia. Não se pode afirmar hoje, que a concepção de corpo que é tida de um corpo magro, delgado e esbelto foi fruto única e exclusivamente da período histórico que o antecedeu, bem como não se pode apegar à Ciência como sendo uma verdade única e Universal, pois esta apresenta falhas e se renova, à medida que vão crescendo os interesses da sociedade, pois é a ela, e somente a ela (sociedade) que a Ciência deve servir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A VIDA – **Periódico Anarquista** – Ano 1, nº 1, Rio de Janeiro, Ícone Editora, 30 de novembro de 1914.

A VIDA – **Periódico Anarquista** – Ano 1, nº 2, Rio de Janeiro, Ícone Editora, 31 de dezembro de 1914.

CARVALHO, Maria Cecília M. de (org.). **Construindo o saber: técnicas de metodologia científica**. Campinas: Editora Papyrus, 1988.

CASTELLANI FILHO, Lino. – **Educação Física no Brasil: a história que não se conta** – Campinas, SP: Papyrus, 1994.

CIANCIO, Nicolau - **A medicina e os cabelos curtos** - Gazeta do povo, Curitiba, 08 de setembro de 1914.

D'ARAÚJO, Maria Celina – **A Era Vargas** – São Paulo: Editora Moderna, 1997.

DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. José Carlos Rodrigues. Lisboa : Vega, 1987, p. 40-41.

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. Depoimento prestado à acadêmica Izabel Sofia Kubiça. Curitiba, Dezembro, 2002.

FOUCAULT, Michel **História da sexualidade I** : a vontade de saber. Trad. Maria Tereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1985, p. 90.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1985, p. 12.



GRANDO, José Carlos (organizador) - **A des-construção do corpo** – Blumenau, SC: Edifurb, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade – **Metodologia Científica** – São Paulo: Editora Atlas, 1991.

LENHARO, Alcir – **Sacralização da Política** – 2ª edição, Campinas/SP, Papirus, 1986.

NIETZSCHE APUD FOUCAULT, Michel. **La verdad y las formas jurídicas**. Trad. y Org. Enrique Lynch. 2. ed. Barcelona : Editorial Gedisa S.A., 1991, p. 19.

SOARES, Carmen Lúcia (organizadora) - **Corpo e História** – Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOARES, Carmen Lúcia - **Imagens da Educação no Corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX – Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

## ANEXOS

“Na pesquisa que realizei em 1993 na Microfilmagem da Biblioteca Pública (PR) — sobre a história da ‘reeducação’ no Paraná — li nos jornais das décadas de 1920 a 1940 que se comemorava o ‘Dia da Raça’ com desfiles cívicos como os que se promoviam para o aniversário da Independência, na mesma semana. O que pode ser avaliado como bizarro, é que, enquanto no ‘7 de setembro’ se exibiam engalanados os soldados e os alunos — estes alvos descendentes de europeus — das escolas de ensino regular, no Dia da Raça se apresentavam as Escolas Correcionais e dos orfanatos, ou seja, sob a influência da idéia eugenista de aprimoramento do arianismo, o Brasil separava, em comemorações nacionais, os já excluídos das classes média e burguesa. Assim, nesse dia, o que se expunha, não era a raça idealizada — pois lembro das fotos que mostravam muitas crianças e jovens negras e ‘pardas’<sup>1</sup>, muito magras e cabisbaixas em seus uniformes despojados e surrados —, mas como esta população estava sob controle, disciplinarizada. (DIEZ, 2002: [s.p.])”

---

<sup>1</sup> Cf expressão lingüística da época